Acervo ISA

CEDI
Povos Indígenas no Brasil
Fonte: O Globo
Data: 02/07/74
Class.:
Pg.:

Funai não desiste de mudar krain-a-kores para o Parque Xingu

BRASÍLIA (O GLOBO) — "Está decidido que os krain-a-kores serão transferidos para o Parque Nacional do Xingu", informou o presidente da Funai, General Ismarth de Oliveira, que disse não ter conhecimento de qualquer decisão em contrário.

Ele esclareceu que a mudança para a Cachoeira de Korococó é apenas a primeira fase da operação destinada a juntar os três grupos de krain-a-kores, inclusive os da Aldeia Sul, recentemente contatada, para depois transferí-los para o Xingu, cujo diretor, Orlando Vilas Boas, apóia inteiramente a medida.

02/07/74

O General Ismarth disse que já determinou à coordenação da Funai na Amazonia que continue os preparativos da mudança, que considera a melhor e única solução para o caso. No seu entender, a permanência dos krain-a-kores na região de Korococó poderá ser fatal para a tribo, porque a estrada Cuiabá—Santarém passará a 25 quilometros do local e já há planos para a construção de mais algumas estradas, o que inevitavelmente provocaria o contato dos índios com motoristas e exploradores.

O General Ismarth reafirmou a posição da Funai segundo a qual retirar os índios de seu "habitat" de origem é extremamente prejudicial à população indígena, que passa a contar com outros tipos de solo, caça e pesca e se expõe a novos tipos de doenças, para as quais seu organismo ainda não possui defesa.

Ressalvou, entretanto, que a mudança dos krain-a-kores oferece riscos bem menores. A mesma opinião é sustentada por Orlando Vilas Boas, que defende a mudança do grupo para um local isolado, ao norte do Parque Xingu, onde já estão sendo preparadas aldeias e roças para os chamados "índios-gigantes".

Cultura

Orlando acha que a transferência poderia enriquecer o universo tribal dos krain-a-kores, por meio de um trabalho de reintegração à cultura, como aconteceu com os caiabis, atualmente moradores no Parque e encarregados dos preparativos para a fixação dos krain-a-kores.

O plebiscito promovido pelo etnólogo italiano Fiorello Parise e no qual os krain-a-kores teriam demonstrado a intenção de fixar-se em Korococó é visto por técnicos da Funai como "infantilidade e verdadeira falta de visão antropológica do caso", uma vez que o grupo indígena ainda não tem consciência do que representa o problema.

Fiorello Parise defende a permanência dos krain-a-kores nas proximidades da Cachoeira Korococó, por ser este o "habitat" de origem dos índios, no que é contestado por técnicos da Funai, segundo os quais o grupo é originário da região do rio Iriri, de onde foram deslocados gradativamente pelas empresas agropecuárias e de mineração.

Viagem

A Funai já está preparando a visita que o Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, fará, na segunda quinzena do mês, a várias aldeias indígenas, com a finalidade de conhecer tribos nos mais diversos estágios de aculturação.

Não se sabe ainda que aldeias serão visitadas, mas é possível que a viagem comece pelo Posto Sete de Setembro, perto do Parque de Aripuanã. No Posto vivem os índios cintas-largas.

Menino índio está cego

BRASÍLIA (O GLOBO) — Somente um transplante de córneas poderá devolver a visão ao índio Ponciano, de cinco anos de idade, que veio de Tabatinga, Amazonas, para Brasília por determinação da Fundação Nacional do Índio.

Durante o almoço de ontem na Casa do Ceara, onde são alojados os índios que chegam a Brasília, Ponciano, da tribo dos ticunas, pronunciou sua primeira palavra em português: laranja.

Ponciano apenas enxerga um pouco com a vista esquerda. Suas córneas estão ficando brancas e opacas e até agora a doença não foi diagnosticada. O Ministro do Interior, Maurício Rangel Reis, quando tomou conhecimento do caso, providenciou nos hospitais de Brasília exames oftalmológicos para Ponciano.

Os especialistas consultados acreditam que só um transplante resolverá o problema e evitará a cegueira total. Como não existe banco de córneas em Brasília, o médico Paulo Galvão, de Belo Horizonte, foi escolhido para realizar a cirurgia.

Admite-se que a causa da cegueira de Ponciano seja a oncocercose, doença originária das selvas africanas e já diagnosticada em algumas tribos dos países da América Latina e Antilhas por pesquisadores da Organização Mundial de Saúde. A doença é transmitida por um inseto e começa a se manifestar com nódulos e ulcerações cutaneas e subcutaneas nas virilhas e cabeça, até provocar a cegueira. A OMS, a Organização Pan-Americana de Saúde, a Cruz Vermelha e a Funai já estão promovendo pesquisas destas e outras doenças tropicais, a fim de iniciar um trabalho de saneamento com a ajuda da Sucam, do Ministério da Saúde.